

Entre viagens intergalácticas e espaçotemporais: *Space Is the Place* e *Kindred*

Between intergalactic travel and space-time: *Space Is the Place* and *Kindred*

Rodrigo Valverde Denubila
UFU/FAPEMIG

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e98775>

Resumo

Este artigo aborda o conceito de afrofuturismo e lê criticamente duas obras: a película *Space Is the Place* (1974), dirigido por John Coney, e o romance *Kindred* (1979), de Octavia Butler. A metodologia adotada é bibliográfica, apoiando-se em teóricos do afrofuturismo como Ytasha L. Womack e Mark Dery, além de incorporar perspectivas de pensadores pós-coloniais e historiadores africanos para explorar a intersecção entre literatura, história africana e afrodiaspórica. O objetivo central consiste em discutir como o passado africano é recuperado em narrativas que projetam futuros utópicos diante de um passado distópico marcado pela escravidão e deslocamento. Para tal, estruturamos nossa reflexão em três seções; na primeira, discorremos sobre o conceito de afrofuturismo; na segunda, ocorre a leitura crítica de *Space Is the Place* sob a ótica das viagens intergalácticas e do pertencimento; na terceira, realizamos discussão de *Kindred* focalizando o gênero ficção científica, as máquinas do tempo e o poder.

Palavras-chave: afrofuturismo; *Space Is the Place*; *Kindred*; utopias; distopias.

Abstract

This article addresses the concept of afrofuturism and critically examines two works: the film *Space Is the Place* (1974), directed by John Coney, and the novel *Kindred* (1979) by Octavia Butler. The methodology adopted is bibliographic, relying on afrofuturism theorists such as Ytasha L. Womack and Mark Dery, as well as incorporating perspectives from post-colonial thinkers and african historians to explore the intersection between literature, african history, and the african diaspora. The primary goal is to discuss how the african past is reclaimed in narratives that envision utopian futures in the face of a dystopian past marked by slavery and displacement. To achieve this, we structure our reflection into three sections; in the first, we discuss the concept of Afrofuturism; in the second, we provide a critical reading of *Space Is the Place* from the perspective of intergalactic travels and belonging; in the third, we engage in a discussion of *Kindred* focusing on the science fiction genre, time machines, and power.

Keywords: afrofuturism; *Space Is the Place*; *Kindred*; utopias; dystopias.

*O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.*

“Mãos dadas”, Carlos Drummond de Andrade¹

Introdução

A presente reflexão objetiva ponderar sobre o afrofuturismo para discorrer criticamente sobre a película *Space Is the Place* e a obra de ficção científica *Kindred*, de Octavia Butler (2020). Enquanto na primeira, elementos caros à corrente afrofuturista se fazem evidentes, entre eles, a retomada da História africana quer perspectivando o Egito, quer perspectivando a Libéria; na segunda, encontramos certa dificuldade em reconhecê-la enquanto tal, pois nessa a personagem Dana, mulher negra que vive nos anos 1970, de forma misteriosa, volta ao para o século XIX.

A escolha do *corpus* justifica-se, pois nos permite ponderar sobre a relação entre passado e futuro para inquirirmos acerca do presente à proporção que (i.) retomamos aspectos do afrofuturismo enquanto (ii.) ajuizamos a relação entre utopias futuras construídas para reconfigurar presente e passado distópicos. *Space Is the Place*, dirigido por John Coney e lançado em 1974, aborda a odisséia do músico Sun Ra e sua arkestra pelo espaço em busca de um novo lar para os afro-americanos, onde possam viver livres da opressão racial terrestre. Há, pois, clara relação com o conceito de utopia enquanto espaço livre de dor e a história da Libéria. *Kindred*: laços de sangue, obra da escritora norte-americana Octavia Butler (2020), publicada em 1979, possui narrativa centralizada em Dana, escritora negra no ano de 1976, que,

1 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. 1 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

inexplicavelmente, viaja no tempo até uma fazenda no Maryland do século XIX. Nesse espaço, ela se encontra entrelaçada com seus ancestrais, tanto escravos quanto proprietários de escravos.

Nossa metodologia consiste em pesquisa de caráter bibliográfico e, em nosso movimento argumentativo, adotamos como embasamento teórico as reflexões de Ytasha L. Womack (2013) presentes em *Afrofuturism: The World of Black Sci-fi and Fantasy Culture*; de Mark Dery (1994), no ensaio “*Black to the Future*”. Sublinhamos a retomada de outros textos teóricos e a pouca presença de material bibliográfico acerca dessa temática, em especial, em língua portuguesa, assim como nos valem (i.) de pensadores pós-coloniais, como Françoise Vergès, Achille Mbembe, Paul Gilroy, Homi Bhabha, Kehinde Andrews, Muryatan Barbosa; bem como (ii.) de diferentes historiografias do continente africano, como as perspectivas históricas de Albert Adu Boahen, Molefi Kete Assante, Serge Daget, Cheikh Anta Diop, uma vez que um dos pontos-chave do conceito de afrofuturismo consiste na retomada de dados históricos do continente e do momento diaspórico.

Três seções estruturam nossa análise, na primeira, intitulada “Poética afrofuturista: as reivindicações de passado e de futuro”, apresentamos sumariamente o conceito de afrofuturismo. Na sequência, discorreremos em “*Space Is the Place*: viagens intergalácticas e pertencimento”, acerca do filme dirigido por John Coney e protagonizado por Sun Ra, artista lido como o pai do afrofuturismo. Por fim, na seção “*Kindred*: sobre máquinas do tempo e poder”, discorreremos sobre a narrativa de Octavia Butler interrogando acerca do gênero ficção científica e porque podemos entender essa obra quer como pertencente a esse gênero, quer sobre aspectos afrofuturistas.

Ao longo de nossa exposição, interseccionamos a relação entre literatura e história, em especial a africana e afrodiaspórica, para inquirirmos sobre como o passado é retomado em projeções futuras marcadas por perspectivas

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

utópicas diante de um passado marcado por trabalhos forçados, pela retirada do território de origem, em específico, o continente africano entre outros dados que facultam momento da história do continente africano e da população negra de distopias.

Poética afrofuturista: as reivindicações de passado e de futuro

A estética afrofuturista existe, historicamente, antes do termo ser cunhado, o que acontece em 1994, quando o crítico cultural estadunidense Mark Dery (1994) publica *Flame Wars: The Discourse of Cyberculture*, conjunto de três entrevistas realizadas com o autor de *sci-fi* Samuel R. Delany, com o crítico musical e teórico Greg Tate e com a socióloga Tricia Rose – todos estadunidenses.

As entrevistas possuem texto crítico intitulado “*Black to the Future*”, no qual Mark Dery (1994) examina as interseções de cultura afro-americana com narrativas de ficção científica, tecnologia e futurismo. Entre os pontos argumentativos levantados, o crítico compara a violenta e forçada diáspora das populações africanas com abdução alienígena. Nesse cotejamento, temas como captura, roubo, violência e mutilação, tão presentes nas narrativas de ficção científica *alien*, surgem análogos ao tráfico escravocrata, por conseguinte, à violência infligida às populações africanas e negras.

This is especially perplexing in light of the fact that African Americans, in a very real sense, are the descendants of alien abductees; they inhabit a sci-fi nightmare in which unseen but no less impassable force fields of intolerance frustrate their movements; official histories undo what has been done; and technology is too often brought to bear on black bodies (branding, forced sterilization, the Tuskegee experiment, and tasers come readily to mind) (Dery, 1994, p. 180)².

2 “Isso é especialmente desconcertante à luz do fato de que os afro-americanos, em um sentido

No referido ensaio, Mark Dery (1994) apresenta o termo afrofuturismo para delimitar uma estética cultural emergente que aborda questões de identidade negra e herança cultural do continente africano, no contexto de avanços tecnológicos e futuros especulativos. Em uma das reflexões apresentadas, o crítico salienta que a ficção científica tradicional marginalizou ou excluiu personagens negras e perspectivas fora do eixo europeu. Por isso, autores afrofuturistas reimaginam e redefinem o futuro por intermédio de lente afrocentrada. Por tal motivo, o crítico estadunidense questiona: “The notion of Afrofuturism gives rise to a troubling antinomy: Can a community whose past has been deliberately rubbed out, and whose energies have subsequently been consumed by the search for legible traces of its history, imagine possible futures?”³ (Dery, 1994, p. 180).

A inquirição acima demarca ponto argumentativo central, qual seja, ao projetar as sociedades do devir, por exemplo, o mundo no século XXXII, como o faz Samuel R. Delany, em *Nova*, texto de 1968, escritores afrofuturistas integram, nesses espaços, identidades africanas e afrodescendentes. Aspirase, portanto, a acabar com a “presença espectral”, conceito cunhado por Françoise Vergés (2023, p. 169), em *Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta*.

Nessa obra, a cientista política não visa a analisar a representação literal dos sujeitos escravizados, as quais existem, mas, sim, entender como objetos e mercadorias oriundos do tráfico atlântico, como açúcar, tabaco,

muito real, eles são descendentes dos abduzidos pelos alienígenas; habitam um pesadelo de ficção científica, em que campos de força invisíveis, mas não menos intransponíveis de intolerância frustram seus movimentos; histórias oficiais desfazem o que foi feito; e a tecnologia é muitas vezes aplicada aos corpos negros (marca, esterilização forçada, o experimento de Tuskegee e tasers vêm prontamente à mente).” (Tradução nossa).

3 “A noção de afrofuturismo dá origem a uma antinomia preocupante: pode uma comunidade cujo passado foi deliberadamente apagado, cujas energias foram posteriormente consumidas pela busca de traços legíveis de sua história, imaginar futuros possíveis?” (Tradução nossa).

café, plantas exóticas, algodão, aparecem em diferentes obras que compõem o acervo do Louvre, por conseguinte, como tais elementos demarcam a miscigenação de culturas via coisas. Françoise Vergés (2023) analisa como a escravidão colonial produziu representações e alterações à medida que, nesse processo, podemos identificar estereótipos e presenças invisíveis – algo aos moldes também de narrativas de *sci-fi*. Mais do que aprofundarmos a discussão proposta pela cientista política, valemo-nos, portanto, da ideia de uma humanidade invisível pretérita para pensarmos o devir.

Por isso, autores afrofuturistas, como Samuel R. Delany e Octavia Butler, adotam perspectiva inclusiva e valorativa daqueles que historicamente foram postos à margem e invisibilizados quer nos museus, quer nas sociedades futuristas. Ytasha L. Womack (2013), do mesmo modo, sublinha, em *Afrofuturism: The World of Black Sci-fi and Fantasy Culture*, tal argumento à medida que frisa que tão grave quanto o apagamento dos negros e da cultura africana no discurso historiográfico ocidental, igualmente o é o apagamento dos negros e da cultura africana nas projeções futuristas.

It's one thing when black people aren't discussed in world history. Fortunately, teams of dedicated historians and culture advocates have chipped away at the propaganda often functioning as history for the world's students to eradicate that glaring error. But when, even in the imaginary future - a space where the mind can stretch beyond the Milky Way to envision routine space travel, cuddly space animals, talking apes, and time machines - people can't fathom a person of non-Euro descent a hundred years into the future, a cosmic foot has to be put down⁴ (Womack, 2013, p. 7).

⁴ “Uma coisa é quando pessoas negras não são mencionadas na história mundial. Felizmente, equipes de historiadores dedicados e defensores da cultura [africana] têm combatido a propaganda que frequentemente funciona como história para os estudantes do mundo para erradicar esse erro gritante. Mas quando, até mesmo no futuro imaginário – um espaço onde a mente pode se estender além da Via Láctea para imaginar viagens espaciais rotineiras, animais espaciais fofos, macacos falantes e máquinas do tempo – as pessoas não conseguem imaginar uma pessoa de descendência não europeia cem anos no futuro, é preciso dar um basta cósmico” (Tradução nossa).

Quer perspectivando o ulterior, quer projetando futuros, a continuidade do silenciamento dos negros e da cultura africana significa que as digitais qualificadoras do passado colonialista perduram no hodierno, conforme aponta Kehinde Andrews (2023, p. 15), em *A nova era dos impérios: como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo*. Nesse sentido, Ytasha L. Womack (2013, p. 6) entende que a estética afrofuturista surge como consequência (óbvia) da ausência de “[...] *people of color in the fictitious future/past*”⁵.

A estudiosa apreende o afrofuturismo enquanto movimento cultural significativo da população negra estadunidense, o qual ganha notoriedade a partir da segunda metade do século XX, como demarcado. Essa corrente estética e filosófica surge, pois, como resposta ao silêncio - que produz as espectrais presenças - imposto à representação de negros, da História e cultura de Áfricas quer na arte tradicional, quer na ficção científica convencional. Assim, com base nas considerações de Mark Dery (1994) e de Ytasha L. Womack (2013), identificamos a centralidade do uso do gênero literário ficção científica especulativa, pois esta se torna o gênero literário de predileção de autores afrofuturistas para conectar passado e futuro ao, consequentemente, lançar luz ao presente.

Space Is the Place: viagens intergalácticas e pertencimento

Ao investigarmos a historicidade do afrofuturismo, identificamos importante manifestação interartes, principalmente, ao longo da década de 1970, com base nos trabalhos de Sun Ra. O jazzista estadunidense – com sonoridade marcada pelo experimentalismo – aparece – juntamente com sua Arkestra – em dois filmes caracterizados pela plasticidade afrofuturista,

5 “[...] pessoas de cor nas ficcionalizações futuras/passadas” (Tradução nossa).

quais sejam, *Space Is the Place* (85 min., 1974, EUA) e *Sun Ra: a Joyful Noise* (60 min., 1980, EUA)⁶.

O primeiro – dirigido por John Coney – inicia-se com Sun Ra viajando pelo espaço para encontrar, em outra galáxia, um planeta considerado como nova casa potencial e amigável para os negros afro-americanos, conforme visto na Figura 1.

Figura 01: Sun Ra em outro planeta



Fonte: (Coney, 1974, min. 02:18)

Em seu retorno à Terra, Sun Ra vai para Oakland, cidade localizada

⁶ Entre outros longas metragens afrofuturistas destacamos: *Wellcome II the Terrordone* (90 min., 1995, Reino Unido, direção de Ngozi Onwurah); *Bom dia, eternidade* (98 min., 2010, Brasil, direção de Rogério Moura); *Branco sai, preto fica* (93 min., 2014, Brasil, direção de Adirley Queirós); *Crumbs* (68 min., 2015, Etiópia/Espanha, direção de Miguel Llansó); *Drylongso* (86 min., 1998, EUA, direção de Cauleen Smith); *Born in Flames* (80 min., 1983, EUA, direção de Lizzie Borden); *The Upsetter: the Life and Music of Lee Scratch Perry* (95 min., 2008, EUA, direção de Ethan Higbee e Adam Bhala Lough); *An Oversimplification of Her Beauty* (84 min., 2012, EUA, direção de Terence Nance).

no estado americano da Califórnia, nos anos 1970, para propor o plano de oferecer aos negros a chance de (re)começar longe da opressão e do racismo terráqueos, o que, claramente, demarca aspectos caros à utopia, isto é, arquitetar espaço ideal sem elementos negativos.

Figura 02: Nave espacial de Sun Ra retornando ao planeta Terra



Fonte: (Coney, 1974, min. 25:12)

Por outro lado, há, outrossim, perspectiva distópica marcada, pois, apesar da luta de importantes negros e negras norte-americanos por direitos iguais, como observado, ao fundo, na Figura 3, em que imagens dos rostos dessas figuras políticas atuantes estão penduras na sala de ensaios.

Figura 03: Sun Ra conversa com músicos negros para convencê-los a emigrar para outro planeta



Fonte: (Coney, 1974, min. 25:12)

A Terra, portanto, não será o espaço (utópico?) da igualdade entre os seres humanos de tonalidades heterogêneas de pele⁷ apesar da luta por reconhecimento e *status* de ícones do movimento negro estadunidense. Sobre, portanto, a busca por outro planeta, conforme destacado nestas palavras proferidas por Sun Ra a um grupo de músicos negros, os quais o recebem com ironia e deboche, enquanto questionam se ele é real:

Eu sou Sun Ra, Embaixador das Regiões Intergalácticas, do Conselho do Espaço Sideral. [...] Eu não sou real. Eu sou igual a vocês. Vocês não existem nesta sociedade. Se existissem, seu povo não estaria buscando por direitos iguais. Vocês não são reais. Se fossem, vocês teriam *status* entre as nações do mundo. Então, ambos somos mitos. Eu não venho para vocês como uma realidade. Eu venho a vocês como um mito, porque é isso que as pessoas negras são: mitos. Vim de um sonho que os negros tiveram há muito tempo. Na verdade, sou um presente enviado a vocês por seus ancestrais (Coney, 1974, min. 23:48).

⁷ Além de tonalidades de pele, também podemos demarcar, em perspectiva interseccional, sexualidade, gênero e classes sociais.

O termo “ancestrais”, no fragmento supracitado, permite a ponderação de dois aspectos (i.) a valorização significativa da ancestralidade na África pré-colonial, sobre a qual não nos deteremos; (ii.) a retomada da história africana pré-colonial, em especial, o Egito, mas também da África colonial. Por isso, demarcamos, em seção anterior, que um dos aspectos para descrevermos o fenômeno da estética afrofuturista consiste em notar como ela dialoga com a História africana.

Começemos, pois, com aspectos facilmente identificáveis, nas figuras 1 a 3, isto é, a estética que retoma o Egito antigo, o que demarca diálogo com a História africana, em especial, sobre o Egito Antigo e com as ponderações críticas de Cheikh Anta Diop presentes em *A origem africana da civilização: mito ou realidade* (1974). As propostas historiográficas do estudioso senegalês constituem marco decisivo nos estudos africanos, uma vez que reavaliam a contribuição africana à civilização humana, em especial, quando desafiou as narrativas eurocêntricas que minimizavam ou negavam as ligações culturais e genéticas entre os egípcios antigos e os povos subsaarianos africanos. Em outro ângulo, a civilização egípcia passou por um processo de branqueamento, sendo a imagem da rainha Cleópatra um dos pontos mais claros dessa questão. Dessa forma, Cheikh Anta Diop argumentou a favor de uma reinterpretação da história e da cultura egípcias enquanto integrantes da África negra. Havia, pois, movimento de revalorização da História africana e das culturas negras.

A estética egípcia adotada por Sun Ra, em *Space Is the Place*, fomenta simbolicamente o movimento de reafirmação cultural e identitária entre africanos e afrodescendentes ao redor do mundo, como nos EUA, haja vista a possibilidade de retomada de ponderações como as presentes em *A origem africana da civilização: mito ou realidade*, as quais incentivaram o

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

resgate da autoestima e da valorização das raízes africanas. Tais ponderações de intelectuais africanos e afrodescendentes impulsionam debates sobre o racismo, a descolonização do saber e a necessidade de uma historiografia que reconheça devidamente as contribuições africanas à civilização global, conforme o faz o senegalês Cheik Anta Diop.

Conforme salientou Ytasha W. Womack (2013), o afrofuturismo, igualmente, faz tal movimento de revalorização pela inserção da cultura africana e negra nas imagens de futuro. Reconfigurar passado e reimaginar futuros não deixam de ser mecanismos de modificação das distopias impostas às populações do continente africano e afrodiaspórica. Portanto, as reflexões do referido estudioso sobre o Egito Antigo convocam à revisão crítica das narrativas históricas, promovendo uma compreensão mais integrada e inclusiva da história humana, em que África ocupa um lugar de destaque como berço de civilizações e contribuições fundamentais para o patrimônio cultural e intelectual mundial. Mas, em contexto mais amplo da narrativa fílmica, sublinhamos que o enredo de *Space Is the Place* retoma a história de Serra Leoa e da Libéria, países da África Ocidental.

Devido à importância desse contexto histórico de fundação da Libéria, na economia narrativa de *Space Is the Place*, destacamos este fragmento de “Tendências e processos novos na África do século XIX”, escrito pelo historiador ganense Albert Adu Boahen como primeiro movimento para problematização:

As campanhas humanitárias, abolicionistas e racistas que marcaram esta época fizeram surgir, na África Ocidental, dois Estados inteiramente novos, Serra Leoa e Libéria, criados respectivamente em 1787 e em 1820, ao passo que *Libreville* foi fundada na África Equatorial. Ao final do século, os dois primeiros Estados tinham, do mesmo modo, conseguido não só absorver um certo número de reinos independentes situados no longínquo interior, mas também haviam formado verdadeiras nações tendo cada uma a sua língua e cultura própria, o inglês-liberiano e o crioulo (2010, p. 69).

A História da Libéria contém conexão intrínseca com o regime escravocrata dos Estados Unidos, pois esse espaço, no continente africano, surge, no início do século XIX, com a narrativa de “devolver” à África os africanos e afrodescendentes presentes nos EUA. Em 1821, na região demarcada, surge a Libéria como ação da *American Colonization Society*⁸ (ACS) cuja intenção era, supostamente, criar espaço ideal para ex-escravos e afro-americanos livres habitarem⁹. Tais concepções ganham força no conflitante momento da história dos EUA pré-abolição da escravatura, que acontece em 1863. A criação do país africano se enraíza, portanto, entre o contexto racial e político dos Estados Unidos que vai da independência dos EUA, em 1776, às décadas que antecederam a Guerra Civil Americana, a qual acontece de 1861 a 1865.

Em sua explanação histórica, Albert Adu Boahen (2010) retoma, portanto, o contexto entre os séculos XVIII e XIX, quando uma série de movimentos e organizações, como a *American Colonization Society* (ACS), foram fundados com o objetivo de fundar “núcleos de povoamento” (Fage, 2020, p. 357) na África para repatriar afro-americanos. Apesar do pouco apoio do governo estadunidense, a cidade de Monróvia – capital da Libéria – foi nomeada em homenagem ao presidente americano James Monroe.

Recuperando o contexto histórico de fundação da Libéria, a ACS atuou de forma significativa, mas não se pode afirmar que foi um empreendido vitorioso, conforme demarcam o historiador ganense e J. D. Fage, em *História da África*:

Os núcleos de povoamento criados a partir de 1821 pela iniciativa privada dos Estados Unidos na Costa da Pimenta [Libéria] também definharam, em parte devido à falta de pessoas (cerca de 15 000 negros americanos foram aí desembarcados e cerca de

8 Sociedade Americana de Colonização (tradução nossa).

9 A Libéria torna-se independente da Sociedade Americana de Colonização em 1847.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

5 000 escravos apanhados pela marinha dos Estados Unidos no alto mar). O principal problema residiu, contudo, no facto de os imigrantes não possuírem nenhum governo reconhecido que os apoiasse na sua luta pela sobrevivência contra os povos africanos da região ou das acções de comerciantes europeus hostis (2020, p. 357).

Ainda nesse contexto liberiano, retoma-se “A abolição do tráfico de escravos”, capítulo de *História geral da África: África do século XIX à década de 1880*, quando Serge Daget demarca:

No que tange ao direito, o estabelecimento da *American Colonization Society* no cabo Mesurado, em 1821, era empreendimento privado. O governo federal dos Estados Unidos não se envolveu, mas estabeleceu um escritório, não colonial e temporário, cujos agentes recebiam à investidura da sociedade. Confiava ao estabelecimento os africanos libertos pelo cruzeiro, contribuindo assim para o povoamento. *A criação da Libéria resultou de aspirações filantrópicas e civilizadoras, mas também da preocupação de diminuir, mesmo nos Estados Unidos, a expansão da população negra, considerada perigosa.* Um punhado de colonos defendeu sua implantação contra a resistência dos poderes autóctones. Estes discutiram tanto o contrato de cessão das terras e a soberania, quanto à pretensão dos estrangeiros negros em reduzir a atividade dominante do comércio exterior local, o tráfico negreiro (2010, p. 95-96; grifos nossos).

Os fragmentos citados demonstram que ambiguidades significativas marcaram as atitudes da *American Colonization Society*, isto é, aqueles que acreditavam nos ideais abolicionistas e na criação de uma nação africana como refúgio pacífico para os negros americanos, em viés significativamente utópico, bem como aqueles cujo desejo era efetivamente expulsar e remover dos EUA a população negra livre.

Conectando história e narrativa fílmica, conforme acontece em *Space Is the Place*, evidencia-se a pouca adesão dos afro-americanos em imigrar à Libéria, no século XIX, consoante com o fragmento de J. D. Fage (2020). Com essa ideia de retorno, existe uma contradiáspora, na narrativa fílmica,

que dialoga com a história dos EUA e da Libéria, pois a personagem de Sun Ra deseja teletransportar os negros da Terra para o novo planeta usando música e filosofia.

Figura 04: Sun Ra conversa com The Overseer



Fonte: (Coney, 1974, min. 10:41)

No entanto, como pontuado, a personagem de Sun Ra encontra resistência em várias frentes, conforme acontece na Libéria, incluindo agentes do governo, gangsters locais e membros da comunidade negra, os quais estão céticos quanto à realização de outra diáspora intergaláctica, afinal de contas, a Terra, em perspectiva macro, é o planeta de todos. Podemos ler a intenção da personagem de encontrar espaço utópico, em outra galáxia, sem opressão como a consolidação da distopia presente neste planeta. Ou seja, demarcar-se o falhanço da possibilidade de todos os seres humanos conviverem com

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

respeito e harmonia, logo, o fracasso das ideias de Martin Luther King Jr., por exemplo. Há, pois, tênue linha entre distópico e utópico nas ações da personagem Sun Ra a ser sublinhada.

Já que a personagem principal de *Space Is the Place* demarca que ele simboliza um presente dos ancestrais, então, sublinhemos que os sujeitos escravizados via tráfico negreiro e trabalho forçado, isto é, os ancestrais dos indivíduos presentes na figura 3, efetivamente, construíram as bases do mundo moderno, pois a força do trabalho dos corpos negros escravizados sedimentou as bases para o desenvolvimento de nações modernas, conforme argumenta Paul Giroy (2012), em *O Atlântico negro*. Nesse sentido, o conceito de Atlântico negro se faz eficiente para criticamente lermos *Space Is the Place*, porquanto demarca como um espaço transnacional e intercultural de trocas culturais e políticas foi formado pela escravidão e pelo colonialismo intrínsecos à diáspora africana.

Nesse movimento argumentativo, marcado pela duplicidade e ambiguidade, o sociólogo e teórico cultural britânico Paul Giroy (2012) retoma o conceito de dupla consciência – cunhado por W. E. B. Du Bois – para descrever a cisão identitária nacional entre ser negro e ser europeu: “Esforçar-se por ser ao mesmo tempo europeu e negro requer algumas formas específicas de dupla consciência” (Giroy, 2012, p. 33). Com base na argumentação do pesquisador e autor de *O Atlântico negro*, ganha destaque a experiência centrada na nacionalidade e na racialização, por serem demarcadores raciais diferente entre territórios.

O referido sociólogo problematiza o nacionalismo cultural por buscar uma suposta autenticidade, uma origem em si e sugere que as identidades são formadas por rotas ao invés de raízes. A diáspora africana deve, pois, ser entendida como um dado sócio-histórico que criou conexões complexas e influências mútuas que ocorrem na delimitação da cultural nacional. Em

outras palavras, há um território marcado pela miscigenação de povos, de saberes, de culturas e de histórias. Podemos, da mesma forma, retomar as considerações do professor de Estudos Negros, na *Birmingham City University*, instituição do Reino Unido, Kehinde Andrews, em *A nova era do império*, quando pensa a consolidação do mundo moderno com base na opressão colonialista e no trabalho escravo:

Precisamos urgentemente destruir o mito de que o Ocidente foi fundado com base nas três grandes revoluções científica, industrial e política. Em vez disso, precisamos investigar como o genocídio, a escravidão e o colonialismo foram as pedras fundamentais sobre as quais o Ocidente foi construído. O legado de cada uma dessas ações segue presente hoje, moldando a riqueza e a desigualdade na hierarquia da supremacia branca. O Iluminismo foi essencial para fornecer a base intelectual do imperialismo ocidental, justificando a supremacia branca pela racionalidade científica. Em outras palavras, o Ocidente inventou as teorias científicas para “provar” a superioridade dos brancos e fingiu que eram verdadeiras. Também é no Iluminismo que vemos as raízes da nova era do império, a aplicação universal da lógica colonial (2023, p. 15).

Conectando dados apresentados, a personagem de Sun Ra tenta convencer a população negra pela música e pela filosofia para realizar nova diáspora intergaláctica e, no capítulo “‘Jóias trazidas da servidão’: música negra e política da autenticidade” de *O Atlântico negro*, Paul Giroy (2012) frisa a importância das culturas híbridas que nascem nos territórios coloniais, entre elas, a música. Particularmente, jazz, blues, soul, reggae e hip-hop aparecem como exemplos poderosos de como a diáspora africana criou culturas híbridas e transculturais. Assim, argumenta-se como a música serve como mecanismo pelo qual as experiências da diáspora são articuladas, compartilhadas e compreendidas.

Esse mesmo aspecto musical apresenta-se como eixo-chave de *Space Is the Place*, pois o uso de música, especialmente o jazz, serve não apenas como

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

trilha sonora, mas como um elemento narrativo crucial, refletindo a ideologia e a busca espiritual do protagonista. Condizente com os procedimentos afrofuturistas, *Space Is the Place* mistura performance musical experimental de jazz, gênero musical qualificador da cultura negra estadunidense, ficção científica, discussões raciais, além de retomar a História africana, estadunidense e aspectos da formação da filosofia africana contemporânea devido à presença de traços do pensamento e das ações de Edward Bylden.

Figura 05: Sun Ra apresenta-se em concerto para convencer a realização de viagem intergaláctica



Fonte: (Coney, 1974, min. 01:06:16)

Em *A razão africana: breve história do pensamento africano contemporâneo*, Muryatan S. Barbosa (2020, p. 19) argumenta como Edward Bylden¹⁰ funda a filosofia africana contemporânea com o conceito

¹⁰ Edward Blyden nasceu no Caribe, em específico, nas Ilhas Virgens, estudou nos EUA com bolsa outorgada por entidades religiosas. Passou parte de sua vida na África, morando em Serra Leoa,

de personalidade africana, cuja definição ocorre pela “[...] centralidade que se dava na África à família, à vida coletiva, ao uso comum da terra e da água e à regulação das funções sociais”. Similar à ação da personagem de Sun Ra, o autor de *The Negro in Ancient History* acreditava na repatriação dos negros nas Américas para a África como solução para problemas raciais, porquanto via a África enquanto lar natural e espiritual dos africanos e afrodescendentes, assim como acreditava que o retorno poderia desempenhar crucial papel no renascimento e avanço do continente, o que dá bases ao panafricanismo¹¹.

Em contraste com muitos pensadores ocidentais da época, Edward Blyden compreendia a cultura e a civilização africanas como únicas e valiosas por si mesmas, bem como apresenta críticas à mestiçagem o que, anos depois, será contrastado por Paul Giroy (2012).

De início foi para lá [Libéria] porque acreditava na possibilidade real de “regeneração da raça negra” a partir do continente. Com o tempo este sentimento tornou-se abertamente nacionalista africano, na medida em que passou a defender um autogoverno local que deveria ser construído gradualmente a partir da Libéria e de Serra Leoa, até englobar toda a África Ocidental. Neste projeto, tornou-se, com o tempo, um crítico da pigmentocracia (ou hierarquia social baseada na cor da pele) na região. Em particular na Libéria, pois via que ali se estava estabelecendo uma dominação de “mestiços” da diáspora (ou seus descendentes) contra os autóctones africanos (Barbosa, 2020, p. 18-19).

A filosofia africana divide-se entre tradicional e contemporânea. Note-se o uso do termo filosofia africana tradicional¹². A distinção ocorre pela

na Nigéria e na Libéria. Cabe destacar que sua passagem de ida para África foi paga pela American Colonization Society.

11 “O termo ‘pan-africanismo’ passou a significar a unidade dos africanos e a eliminação da dominação racial branca do continente da África. Foi esse movimento que gerou a discussão política sobre a unidade africana durante a maior parte do século XX. Na verdade, os Congressos Pan-africanos do século XX se iniciaram na Diáspora Africana, moldando, com isso, o discurso sobre o pan-africanismo no contexto da africanidade mundial. Todas as discussões sobre a unidade africana devem retroagir aos dias em que os africanos no Caribe e nas Américas convocaram a solidariedade entre todos os povos africanos” (Asante, 2023, p. 504).

12 Apesar de uma suposta incoerência terminológica, consideramos que o termo filosofia abarca

questão da escrita e da individualização teórica e se inicia a partir do fim do século XIX com base nas reflexões acerca da personalidade africana propostas por Edward Blyden, em *Christianity, Islam and the Negro Race* (1887), de acordo com Muryatan S. Barbosa (2020). Para além das projeções posteriores visando a dar um basta cósmico, nas quais a perspectiva afrocentrada insere-se, ajuizemos razões para a escolha da ficção científica como gênero de predileção de autores afrofuturista, bem como pensemos dados constitutivos desse gênero literário. Quando questionada por que, uma mulher negra, escrevia ficção científica, Octavia Butler (2020, p. 13) – nome incontornável da literatura afrofuturista – argumenta: “Comecei a escrever sobre poder porque era algo que eu tinha muito pouco”. Focalizemos, na sequência, o termo poder e o ponderemos sobre as condições de possibilidade de um grupo de indivíduos de etnias e de tonalidades de pele heterogêneas possuírem identidade pretérita digna, valorizada e reconhecida, o que garante, por conseguinte, possibilidade de imagens de futuro enquanto eixo-chave de obras afrofuturistas.

***Kindred*: sobre máquinas do tempo e poder**

Com base no entendimento da escritora estadunidense, o poder surge não como entidade fixa ou propriedade de indivíduos ou instituições específicas, mas, sim, por intermédio de uma relação dinâmica que ocorre via interações sociais. A noção de poder não aparece como força explicitamente opressora, entretanto surge como elemento que age sub-repticiamente, ao criar normas, discursos e formas de conhecimento que engendram mecanismos representacionais e éticos, os quais demarcam socialmente como

as reflexões e concepções possíveis de ente, de ser, de linguagem, de tempo, de ética, entre tantos outros filosofemas possíveis. Reconhecemos, assim, que filosofia africana tradicional apresenta ponderações importantes diferentes de lentes eurocentradas.

os indivíduos agem, entendem-se e entendem uns aos outros em contextos sócio-históricos, conforme argumenta Homi K. Bhabha (2013), em “A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo”, presente em *O local da cultura*. O pensador indiano reflete – retomando Frantz Fanon – como os diferentes discursos estereotípicos agem fazendo com que indivíduos internalizem representações preconceituosas e se vejam, essencialmente, pelo olhar do outro.

Nesse processo, traçando paralelo entre as considerações de Mark Dery (1994), de Ytasha L. Womack (2013) e Octavia Butler (2020) sobre ficção científica, cultura africana e população negra, aparece, concomitantemente, a questão de como corpos, em específico, como os corpos negros são socialmente interpretados pelos aparatos de poder com base em perspectivas pretéritas, por conseguinte, como essas visões permitem ou não projeções posteriores. Entre passado e devir, Octavia Butler (2020) demarca que formas sutis e cotidianas de poder moldaram e moldam a vida de sujeitos subalternizados, principalmente, em ex-colônias marcadas por passado escravocrata, a ponto de influenciar comportamentos, identidades e percepções, consoante com a argumentação de Homi Bhabha (2013). Ao afirmar que escrevia sobre poder, porque não o tinha, Octavia Butler (2020) evidencia discussões sobre poder, hegemonia e resistência à medida que entendemos mecanismos de subalternização para pensarmos grupos de pessoas marginalizados e oprimidos, em várias dimensões, como classe, raça, gênero, etnia, sexualidade, dentro das estruturas de poder dominantes de uma sociedade.

Cabe retomar as teorizações de Achille Mbembe (2018) cerzidas em *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte, obra na qual o filósofo camaronês retoma os conceitos de biopoder e de poder disciplinar caros ao pensamento de Michel Foucault. Aquele aborda a

intersecção entre poder político e controle social para discutir como o Estado possui a capacidade de determinar quem vive e quem morre em contextos históricos e contemporâneos.

Relacionando presente e passado (passado, cabe sublinhar, que ainda se faz presente), Achille Mbembe (2018) entende que a necropolítica foi historicamente implementada em contextos coloniais, uma vez que as metrópoles exerciam controle organizacional violento sobre as populações colonizadas. Sem nos aprofundarmos nas nuances imperialistas e econômicas atuais, quando discutimos os Estados Unidos, destaquemos que estamos diante de uma ex-colônia britânica marcada por um passado escravocrata, segregacionista e discriminatório que reverbera no presente, conforme demarca Kehinde Andrews:

Na nova era do império, os Estados Unidos se tornaram o centro do poder colonial moderno. O país gosta de se apresentar como uma vítima do colonialismo britânico que se libertou da tirania e agora procura fazer o mesmo no resto do mundo. No entanto, trata-se de uma fantasia delirante. Os Estados Unidos, na verdade, são a expressão mais extrema da ordem mundial racista (2023, p. 17).

Esse dado faz-se fundamental para entendermos *Kindred*, obra de ficção científica de Octavia Butler (2020). O enredo do texto publicado, em 1979, centra-se em Dana, jovem escritora negra que vive na Califórnia da década de 1970. O ponto central da narrativa acontece em uma manhã, quando, de forma inesperada e inexplicada, Dana é misteriosamente transportada para o ano de 1815. A personagem aparece em uma plantação no início do século XIX, em Maryland, antes da Guerra Civil estadunidense.

- Mas como você chegou lá? Como chegou aqui?
- Assim. — Estalei os dedos.
- Isso não é resposta.
- É a única resposta que tenho. Eu estava em casa, e então, do

nada, estava aqui ajudando você. Não sei como acontece, como me locomovo dessa maneira, nem quando vai acontecer. Não consigo controlar.

— Quem consegue?

— Não sei. Ninguém. — Não queria que ele pensasse que dava para controlar. Muito menos se por acaso eu conseguisse mesmo (Butler, 2020, p. 39).

Em suas viagens temporais, Dana encontra seu ancestral branco Rufus em situações de perigo. Em cada uma das cinco voltas temporais, a trama de *Kindred* discute as consequências e relação entre passado e presente em ex-colônias escravocratas, o que permite a discussão do conceito de necropolítica. Com isso, a obra aborda heterogêneos demarcadores raciais, quer dizer, os abalizadores raciais nos EUA não são os mesmos do Brasil, por exemplo, assim como aborda questões como o casamento inter-racial de Dana com Kevin e as reações das respectivas famílias, além, claro, da centralidade posta no passado escravocrata dos EUA.

À medida que a personagem Dana viaja no tempo, ela vê Rufus crescer e se tornar mais semelhante aos outros proprietários de escravos. Acompanhamos o sadismo e brutalidade da personagem, apesar dos esforços contrários empreendidos. No desenrolar da narrativa, marcada por cenas de intensa crueldade, Dana também conhece e forma vínculo com Alice, escrava na plantação e com quem Rufus gerará os ascendentes de Dana. Octavia Butler (2020) lança luz à miscigenação, como consequência do sistema colonialista e escravocrata. Em suas viagens, a personagem principal confronta a crueldade emocional e a brutalidade física da escravidão, experimentadas, literalmente, no seu corpo. Dana vê e sente os horrores que seus antepassados enfrentaram.

Estamos, portanto, diante de obra marcada pela conexão entre espaços, tempos e continuidades, haja vista que o romance em discussão estabelece reflexão sobre a interconexão das identidades e histórias pessoais e coletivas,

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

assim como contundentemente crítica à instituição da escravidão e seus efeitos. Por esse motivo, Ytasha L. Womack (2013) argumenta que a ficção científica afrofuturista permite aos afro-americanos explorar a diáspora africana e as conexões das ex-colônias com o continente africano. A estudiosa demarca também que outro tema-chave da *sci-fi* é a abdução alien, a qual pode ser comparada à violenta retirada dos africanos de seu território via tráfico negreiro.

And many found the parallels between sci-fi themes of alien abduction and the transatlantic slave trade to be both haunting and fascinating. Were stories about aliens really just metaphors for the experience of blacks in the Americas? Afrofuturists sought to unearth the missing history of people of African descent and their roles in science, technology, and science fiction. They also aimed to reintegrate people of color into the discussion of cyberculture, modern science, technology, and sci-fi pop culture¹³ (Womack, 2013, p. 17).

Há aspecto fantástico envolvido na economia narrativa do livro em apreço, pois não há efetiva presença de uma máquina ultratecnológica capaz de fazer Dana viajar pelo tempo. Então, podemos ou não classificar a obra como ficção científica? Em *Kindred*, o corpo da personagem negra Dana simboliza o tema-chave do gênero *sci-fi* da máquina do tempo. Em *Kindred*, o anterior para contemporizá-lo e repensá-lo.

Entendemos, dessa forma, as marcas deixadas pelo passado colonial, entre elas, as estruturas de poder colonial que persistem nas sociedades pós-coloniais, manifestando-se em formas de violência, desigualdade e exploração sentidas nos corpos negros. Portanto, focalizando a obra de 1979,

13 “E muitos encontraram as semelhanças entre temas de ficção científica sobre abdução alienígena e o comércio transatlântico de escravos como algo ao mesmo tempo perturbador e fascinante. Seriam as histórias sobre alienígenas realmente apenas metáforas para a experiência dos negros nas Américas? Os afrofuturistas buscaram desenterrar a história ausente das pessoas de ascendência africana e seus papéis na ciência, tecnologia e ficção científica. Eles também tinham como objetivo reintegrar pessoas de cor na discussão sobre cibercultura, ciência moderna, tecnologia e cultura pop de ficção científica.” (Tradução nossa).

apesar de não notamos evidentes elementos caros à ficção científica, como a tecnologia; reconhecemos, sim, que o tema da máquina do tempo aparece e representa um dos aspectos-chave do gênero ficção científica e fundamental ao entendimento crítico do texto literário em apreço.

Considerações finais

Abrimos estas reflexões retomando os versos finais do poema “Mãos dadas”, de Carlos Drummond de Andrade (2022, p. 34), presente em *Sentimento do mundo*. Por mais que, na peça lírica, o poeta demarca (ironicamente) que não cantará o futuro, nem o mundo caduco, acreditamos na força dos versos utilizados como epígrafe. Retomemos: “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,/ a vida presente” (Drummond, 2022, p. 34). Mas por que abrimos estas considerações finais retomando a lírica do poeta brasileiro?

Porque, ao longo destas reflexões, focalizamos a dimensão pedagógica do afrofuturismo, isto é, o impacto concreto dessas narrativas na transformação social e cultural, logo, a capacidade do conceito em mudar a perspectiva acerca do continente africano, da população e cultura negras e afrodiaspóricas. Portanto, quer quando autores afrofuturistas perspectivam futuros, realizando projeções inclusivas, quer quando problematizam o passado, sendo esta uma possibilidade elementar ao afrofuturismo, eles falam do presente. A matéria deles é o presente. Desse modo, a intersecção entre o afrofuturismo e a realidade contemporânea, especialmente, no que se refere à valorização das identidades negras e afrodiaspóricas no mundo real, pois a estética afrofuturista consiste em significativa ferramenta de reimaginação e reivindicação cultural.

Presente este construído com base na realidade arquitetada pelo

Atlântico negro, consoante com Paul Gilroy (2012). Ou seja, pela violência intrínseca ao movimento diaspórico das populações do continente africano cujas presenças e culturas ajudaram, sim, a construir espaços e culturas **híbridos**, miscigenados. Aspecto esse muitas vezes negado e até mesmo apagado pela ideia de pureza, de superioridade. Por essa razão, nossa problemática centrou-se na forma como o afrofuturismo consiste em uma reivindicação de pertencimento presente pelas reconfigurações pretéritas e futuras. Entre utopias e distopias, no fim das contas, há o hoje com suas **mãos dadas, mas também** o “mundo caduco” (Drummond, 2022, p. 34) que continua engendrando estereótipos. Cambiando, portanto, passado e futuro, evidenciam-se traços distópicos qualificadores daquele e desejos utópicos para este.

Em nosso movimento argumentativo, investigamos, pois, primeiro *Space Is the Place* cujo argumento se centra na busca de um planeta para a população negra. Nesse espaço, em perspectiva utópica, **não haveria a presença** das digitais pejorativas arquitetadas pelo colonialista. Em contraponto, na sequência, selecionamos *Kindred*, de Octavia Butler (2020), para ponderarmos sobre um passado histórico distópico.

Tão distópico a ponto de Ytasha L. Womack (2013) aproximar o tema da abdução alien, presente obras *sci-fi*, do que historicamente aconteceu com culturas e populações no continente africano. Indivíduos que foram arrancados de suas casas, tiveram suas culturas reduzidas e rebaixadas, quando não exterminadas. Por essa razão, nosso propósito consistia em cotejar duas perspectivas para demarcar a relevância do afrofuturistas como estética capaz de dar um basta cósmico em um passado distópico, mas que também não precise de um futuro utópico em que, efetivamente, seres humanos precisem ser apartados uns dos outros.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ANDREWS, Kehinde. *A nova era do império: como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo*. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

ASANTE, Molefi Kete. *A História da África: a busca pela harmonia eterna*. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2023.

BARBOSA, Muryatan S. *A razão africana: breve história do pensamento africano contemporâneo*. São Paulo: Todavia, 2020.

CONEY, John (Diretor). *Space Is the Place*. [Filme]. Estados Unidos, 1974. 85 min, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7iAQCPmpSUI&t=3047s>. Acesso em: 16 jan. 2024.

BHABHA, Homi K. “A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo”. In: BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2. ed. Tradução de Myriam Ávilla, Gláucia Renate Gonçalves e Eliana Loureço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013. p. 117-143.

BOAHEN, Albert Adu. “Tendências e processos novos na África do século XIX”. In: AJAYI, J. F. Ade (Ed.). *História geral da África: África do século XIX à década de 1880*. Tradução de David Yann Chaigne, João Bortolanza, Luana Antunes Costa, Luís Hernan de Almeida Prado Mendoza, Milton Coelho e Sieni Maria Campos. Brasília: UNESCO, 2010. Volume VI. p. 47-76.

BUTLER, Octavia. *Kindred: laços de sangue*. Tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.

DAGET, Serge. A abolição do tráfico de escravos. In: AJAYI, J. F. Ade (ed.).

História geral da África: África do século XIX à década de 1880. Tradução de David Yann Chaigne, João Bortolanza, Luana Antunes Costa, Luís Hernan de Almeida Prado Mendoza, Milton Coelho e Sieni Maria Campos. Brasília: UNESCO, 2010. Volume VI. p.77-104.

DERY, Mark. Black to the future: interwies with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: DERY, Mark. *Flame Wars: The Discourse of Cyberculture.* Durham, London: Duke University Press, 1994. p. 179-222.

DIOP, Cheikh Anta. *A origem da civilização africana: mito ou verdade.* S.n., s.d. Disponível em: <https://www2.unifap.br/neab/files/2018/05/Dr.-Cheikh-Anta-Diop-A-Origem-Africana-da-Civiliza%C3%A7%C3%A3o-ptbr-completo.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2024.

FAGE, John D. *História da África.* Tradução de Jaime Araújo, Aínda Freudenthal e Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 2020.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro.* 2. ed Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Editora 34, 2012.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte.* Tradução de Renata Santilli: São Paulo: n-1 edições, 2018.

VERGÈS, Françoise. *Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta.* Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

WOMACK, Ytasha L. *Afrofuturism: The World of Black Sci-fi and Fantasy Culture.* Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.

Submissão: 27/02/2024

Aceite: 06/06/2024

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2024.e98775>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*